

## SOBRE "O CARRO DA MISÉRIA"

José Paulo Paes \*

A alta representatividade de *Macunaima* como metáfora crítica de uma suposta amorfia do caráter brasileiro, de um lado, e de outro o destacado papel histórico que Mário de Andrade desempenhou na implantação e consolidação do Modernismo entre nós, parecem ter polarizado o grosso da bibliografia crítica a seu respeito. Isso em prejuízo do restante de sua obra criativa propriamente dita, que não recebeu até agora toda a atenção hermenêutica a que faz jus. Particularmente de lamentar é o descaso pela sua poesia, sobretudo da última fase a que pertence "O carro da miséria". Não sei de estudo de algum fôlego dedicado a esse estranho e vigoroso poema no qual Manuel Bandeira encontrou alguns dos mais belos versos de Mário de Andrade e que este mesmo considerava um "caso muito sério" na sua história de vida como poeta e como homem.

Tal descaso talvez se explique pelas dificuldades que "O carro da miséria" opõe ao deslinde crítico: há nele alusões herméticas que nem seu próprio autor sabia explicar. Outro obstáculo é a elocução cheia de elipses e saltos de sentido, num andamento *staccato* homorgânico da sua estrutura em mosaico — blocos temáticos díspares superpondo-se sem um fio de coerência visível a ligá-los entre si. Mas é precisamente pela sua desafiadora resistência aos esforços de decifração que "O carro da miséria" deveria merecer a atenção dos exegetas.

Foi talvez pensando neles que Mário de Andrade deixou entre seus papéis um "Projeto do ensaio de interpretação" de "O carro da miséria". Infelizmente, das três partes que formariam o ensaio, segundo seu plano prévio, só chegaram a ser escritas duas ou três linhas da primeira, precedidas de um breve preâmbulo. Entretanto, numa carta de 5-IV-44 a Carlos Lacerda, a quem o poema está dedicado, Mário de Andrade desenvolve considerações que vão bem além do que está dito nesse preâmbulo. Ambos esses documentos — o "Projeto", ainda totalmente inédito, e a carta, já divulgada por Lygia Fernandes em *71 cartas de Mário de Andrade* (Rio, S. José, s.d., p. 83-93), são reproduzidos a seguir como subsídios a futuros estudiosos de "O carro da miséria".

O texto final do poema, de que há duas outras versões anteriores no arquivo Mário de Andrade do IEB, foi publicado pela primeira vez na edição já póstuma de *Lira paulistana* (S. Paulo, Martins, 1946). Embora a primeira redação de "O carro da miséria" remonte a 1930, quando foi escrito num transe de inspiração em que raiva e bebedeira desempenharam o mesmo papel catártico que já haviam desempenhado na composição de *Paulicéia desvairada*, ele se insere reconhecivelmente naquela fase de aguda consciência político-social que marcou o final de vida de Mário de Andrade. Fase a que não foi estranho um autocrítico sentimento de culpa pela sua condição "burguesa", poeticamente registrado nos versículos solenes da "Meditação sobre o Tiête!" tanto quanto no verso ágil de "O carro da miséria".

\* Poeta, crítico e tradutor.

**MÁRIO DE ANDRADE:  
PROJETO DO ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO**

- I — Origens = mal estar de desilusões de revoluções
- II — Causas = elementos psico-poéticos dominantes luta do burguês com o socialista
- III — Elementos episódicos verso a verso.

*Ensaio de Interpretação de "O carro da Miséria"*

Um dos meus poemas que mais despertaram a minha curiosidade sobre a sua criação, e, valha a verdade, mais me dignificam é "O Carro da Miséria". Não será talvez o mais belo, o mais perfeito como integridade estética, mas é sem dúvida um dos mais realizados como integridade artística. E eu creio, como também Manuel Bandeira, que "O Carro da Miséria" contém alguns dos versos mais bonitos que já inventei.

Mas deixemos a beleza de lado. O que me deixa muito interessado por este poema é, nele, eu ter me escondido como talvez em nenhum outro dos meus poemas. Poema "interessado", "poema de circunstância" mesmo, derivado diretamente de preocupações políticas, sociais, nacionais de função/valor imediato, "O Carro da Miséria" é, no entanto, o poema mais escuro (e escuso...), mais aparentemente poesia pura, mais hermético que já escrevi. Mas isso, depois de ter pensado bastante sobre ele, a meu ver constitui uma verdadeira falcatrua lírica. Eu me escondi de mil maneiras. E a mais ingênua foi essa de fazer hermetismo falso, desnecessário. E talvez às vezes forçado. Quero dizer: Se o poema é bastante claro de interpretação pra mim, botei coisas nele que estou convencido, não têm absolutamente nenhuma interpretação possível. (a não ser, possivelmente, pessoais, psicanalisáveis: o que não tem nenhuma importância pro caso social que o poema define). Enfim: eu botei mesmo, no poema, elementos que não querem dizer coisa nenhuma, que proposital, voluntária e... inconscientemente nada significam, não têm sentido interpretável. *Só pra disfarçar*, como a peninha no rabo do cachorro.

Assim, se na 1ª versão do poema, eu falo "Pois então, meu grampo, há — de reconhecer" etc, esse grampo a quem me dirijo não tem nenhuma significação de qualquer elucidativa. Pelo contrário, ele é elucidativo, enquanto não significa coisa nenhuma. Ele vive pra despistar, atrapalhar, enigmatizar forçadamente. E com efeito eu me recordo com muita nitidez que procurei, hesitante (um milésimo segundo) *um* substantivo, ou melhor uma palavra. E sei que a queria inexplicável. Se me surgisse "meu primo", "meu irmão", "meu povo", "meus escravos", "meus estigmatizados", "meus párias", "meus trens", "meus navios" etc. enfim qualquer possível interessamento do vocati-

vo, em vez de "meu grampo" ou "meu pingue-pongue" (este ainda parece dar metáfora e sugere imagem...), eu não teria aceito a inspiração. Porque no momento, o estado de estraçalho, de auto-destruição (muito mais auto-destruição que punição, em que eu estava) em que eu estava e queria, o que carecia era a palavra que não dissesse nada. Pra prejudicar. Pra prejudicar até o próprio poema se entenda bem.

"O Carro da Miséria" principia a sua falcatrua inconsciente por ter umas origens bem diversas das causas profundas que obrigaram a criação dele.

Isto aliás não é raro, não é raro em motivo externo qualquer, como a maçã de Newton, *provocar* uma criação *causada* por elementos que são os decisórios. Pro meu poema isso quer dizer, se não tivessem as causas profundas, jamais que os elementos que originaram, o originariam. Pelo menos, está claro, tal como é. Vejamos. (Como criação, como formação e existência eu sou burguês "da pior burguesaria", decerto contava o dito, quatrocentos anos, filho de papai. Está claro. As revoluções só. [Trecho suprimido com traços a lápis preto.]

*Origens* -- Por dezembro de 1930 já não era possível a nenhum paulista, a não ser vendido, recusar a desilusão regional da revolução getulista.

[Autógrafo a lápis preto, 4 folhas de papel jornal (33,2 x 23,3 cm.)]

A. CARLOS LACERDA \*

S. Paulo, 5-IV-44

Arre Carlos!

que isso também é demais! Te sinto no semi-esquecimento de mim, que só é semi porque te vejo e te palpito nos seus artigos agora também no *Diário da Noite* daqui. Esta separação jornalística Rio-S. Paulo, aliás, está ficando cada vez mais insuportável. Jornais que chegam, que se a gente demora um pouco pra comprar "se acabou", um inferno. Mas voltando a você: você está se constelacionando por demais, até parece que resolve enriquecer, é trabalho muito e esquecimento muito dos amigos. Desde quando você não me escreve mais!

Você me pediu uma vez; faz muitos meses, que lhe mandasse uma cópia do "Carro da Miséria", aqui lhe vai enfim. Mas a culpa da demora é menos minha que, primeiro, do Saia que queria uma cópia pra ele também e ficou com o poema no Serviço anos, e, segundo, do meu infável secretário que quando ficou de copiar, foi copiando outras coisas de mais urgência primeiro, e seus trabalhos amontoados. E quando foi copiar, faz quinze dias, já não lembrava mais minhas indicações e copiou tudo errado. Então me revesti daquele amor, decuplicado pela vossa longa e inaceitável ausência, e datilografei eu mesmo

\* FERNANDES, Lygia. Org. 71 cartas de Mário de Andrade. Rio de Janeiro, São José, s/d.

a cópia vossa, enquanto os lugares das ex-amídalas doíam com saudades das tais extirpadas, faz justo quinze dias no Hospital Santa Cecília, fiquei aqui biográfica e estarrecidamente fixado, que chateação!

Seu Carlos, o vosso "Carro da Miséria" andei matutando bem sobre ele e estou convencido que é uma coisa muito séria. Este "muito séria" vai sem vanglória, que até não acho ele das coisas mais artisticamente reussidas da minha poesia. E muito menos das esteticamente mais completamente bonitas, embora eu concorde com o Manuel Bandeira que acha que o "Carro da Miséria" tem alguns dos versos mais muito bonitos que eu já fiz. Mas pra mim o poema me parece um caso muito sério pela importância biográfica e psicológica que ele assume. Afinal de contas, como tenho estes dias feriadados de Semana Santa diante de mim, vou principiar aqui escrevendo este... "Ensaio de Interpretação" da coisa. Repare:

O poema tem três datas. Mas a terceira, 26 de dezembro do ano passado, não é exatamente uma data de "criação" do poema. Foi quando eu estava de cama, na dieta da úlcera, e o poema me voltou às mãos, das mãos do Saia. Reli e como ando meio chateado com o excesso de palavrões e porcarias que agora deram pra perfumar sistemático a poesia e a prosa de ficção, resolvi tirar o mais possível o que havia de palavrões e porcarias no poema. E ele estava cheio disso, criado em dois momentos de estouro doido como foi. E essa data de 26-XII-43 se justifica só por isso: substituição de algumas palavras e, num caso necessário, de três ou quatro versos.

As outras duas datas são verdadeiramente de "criação". Em dezembro de 30 já não havia mais ilusão possível com a República Nova e isso me afetava tanto mais que eu sofrera muito do lado "família" com a revolução, mãe em desespero, irmão preso, presença da morte, coisa assim. Dei pra estourar comigo mesmo. Detalhe divertido: fazia parte integrante do estouro comer "camarões à baiana" mas desadoradamente apimentados, uma coisa de chorar, chorar, regando tudo forte com vinho branco portuga. Foi numa dessas noitadas, comi camarão pra toda a vida! que cheguei em casa numa bebedeira mãe, seriam umas duas horas da manhã, pijama e me atirei na cama não me agüentando mais, dormi. Pois pouco depois, uma hora e meia quando muito, me acordo num estado de agitação horrível, uma angústia detestável que parecia que ia morrer em espírito. Não lúcido mas com a cabeça trabalhando que era um vesúvio. Fui nesse estado de bebedeira integral pra minha secretária e principiei escrevendo uma coisa parecida com verso e assim escrevendo atravessei a madrugada inteira. Quando acabei, pus o título "O Carro da Miséria", sugerido pelo que viera vindo durante a escritura... mediúnica.

(Retomo o escrito várias horas depois.)

Bom, quando fui reler o que escrevera, era, como em geral são as minhas primeiras versões, uma moxinifada explodida. Achei que

seria aproveitável mas tinha imenso que corrigir, a coisa ficou vários dias por aí, acabei desanimando mas, hoje acho felizmente, não tive coragem pra jogar fora. Guardei numa gaveta, outras coisas foram guardadas por cima e acabei me esquecendo por completo a existência daquilo. Mas por completo mesmo, quer dizer: não foi como o poema coral do "Café" que desde ideado, ficou sempre "operando", se fazendo dentro de mim e freqüente voltava à tona da consciência. O "Carro da Miséria" jamais voltou.

Agora vem a outra data, 11 de outubro de 1932. Era o mesmíssimo estado psicológico de arrebatção de 1930, agora motivado pela revolução de 32. Talvez até com maior sofrimento desta vez, porque havia raiva, muita raiva em mim, principalmente com desilusões de amigos. Ora eu tenho um processo ótimo quando grandes sofrimentos pessoais me desmoralizam a ponto de impedir dias seguidos que eu me engolfe numa leitura, num estudo, num trabalho qualquer: dou pra arranjar gavetas, examinar meus guardados e destruir papéis, escritos, coisas que julgo inúteis. É a única coisa que consegue me arredar do cultivo do sofrimento e foi o que estava fazendo nesse 11 de outubro quando topei com "O Carro da Miséria". Tive um bruto choque de surpresa, continuei achando muito ruim, muito carecido de conserto, mas fiquei impressionado. Dentro de mim eu tinha como que me re-achado e concluía que "era isso mesmo". Frase que em mim queria dizer que era "O Carro da Miséria". Não toquei no poema, porém ele ficou roncando dia inteirinho em mim e fiquei ciente de trabalhar ele esses dias seguintes.

Mas o dia seguinte foi essa noite mesmo. Da mesma forma que da primeira vez, jantei fora (em geral nesses estados janto fora porque eles transparecem muito em minha cara e evito inquietar mamãe) e com a bebedeira conseqüente. Cheguei em casa por volta das 23 horas, bêbado, pensei em deitar, mas sentei na secretária um bocado, peguei no poema principiei lendo mas uma noção enjoada de que "já sabia" evitou logo o desperdício da leitura, principiei corrigindo. Mas uma correção puxava outra, vinham sobretudo muito intensas as idéias ordenadoras e esclarecedoras da barafunda da 1ª versão, e na verdade eu estava era refazendo integralmente o poema. E refiz todinho. Quando acabei não tinha quase nenhum verso sem mudança, trechos inteiros totalmente outros, o trecho do cigarro (nº IX) intercalado. E está claro, a não ser uma ou outra palavra, o poema foi feito nessas duas noites.

Agora veja: Duas datas pós-revolução, duas bebedeiras, duas motivações psicológicas idênticas. E um final, digamos, de inteligência lógica, sem lógica, mas de motivação consciente e intelectual. Da mesma forma que havia um separatista aqui que lhe faltasse um cigarro ou desse uma topada concluía "Só separando!", eu também concluía, que não eram mudanças de homens, de políticas, mas so uma mudança drástica de ideologia. E esta mudança em mim só podia ser mesmo o Comunismo.

Porém, ainda, aqui, ainda nisso, tudo não passava duma mentira. Uma mentira desesperada eu sei, aquela mesma mentira desesperada que dois anos mais tarde, em fins de 34 ou princípios de 35 não lembro bem, me fazia publicar um artigo, me afirmando comunista. O que, tudo, em mim, era um comunismo como que avant-la-lettre, de antecipação, um me atirar num abismo e não na indecisão tumultuária, na insolubilidade sufocante em que eu vivia. Não sei se você está lembrado, porque tanto o final do "Carro da Miséria" como o tal artigo não me acalmavam em meu foro íntimo e foram suas angústias e insolubilidades que em 35 chegaram a um clímax tamanho que eu estava encarando acovardado a possibilidade do suicídio (apesar do meu espiritualismo, que é a única coisa que me impede o suicídio), estava mesmo perseguido pela idéia do suicídio, quando a criação do Departamento de Cultura me salvou. E embora você vê que eu aceitar a direção do Departamento embora não conscientemente, (não foi consciente) na verdade profunda era um jeito de eu me reequilibrar dentro da vida, que gosto muito apesar, e não tinha, nunca tive nem tenho — apesar! — desejo em qualquer caso — pois que não é possível decidir até que ponto vingaria a obsessão do suicídio — em qualquer caso foi a minha salvação.

Pois, seu Carlos, agora que vem a surpresa: tanto, afinal das contas, o final como as motivações que fazem o "assunto" do "Carro da Miséria", são pura mentira em mim, sinceramente, está claro, mentira subconsciente, sem "intenção de enganar", mas mentira pura em que eu me enganava e enganava os outros, do drama que estava se passando em mim e que é o verdadeiro assunto (psicológico, entenda-se) do poema. Assunto que no momento eu não pude, nem podia, perceber, mas que só o ano passado, nas releituras do ano passado, se tornou claríssimo em mim. E esse assunto do poema, que agora vai esclarecer o sentido dele todo e de numerosos versos e mesmo partes inteiras dele, é a luta do burguês gostoso, satisfeito das suas regalias, filho-daputadamente encastado nas prerrogativas da sua classe, a luta do burguês pra abandonar todos os seus preconceitos e prazeres em proveito de um ideal mais perfeito. Ideal a que a inteligência dele já tinha chegado por dedução, lógica e estudo, e que a noção moral aprovava e consentia, mas a que tudo o mais nele não consentia, não queria saber. Simplesmente porque estava gostoso.

Você observe a idéia-refrão básica, que atravessa todo o poema:

"Ora vengan los zabumbas  
Mas eu não quero estes zabumbas"

e enfim, ao acertar a mão, só na XVª parte:

"Estes zabumbas que eu quero!"

Porque "zabumba"? A explicação é facilíma em mim: é a constância coreográfico-dionisíaca que atravessa toda a minha poesia, e pra qual o Roger Bastide já chamou a atenção. Em quase todos os grandes

momentos extasiantes, na dor ou na alegria, eu "me dissolvo em dança". E nesse mesmo "Carro da Miséria" isso vem claro, logo na primeira parte:

**"Destino pulha, alma que bem cantaste,  
Maxixe agora, samba e coco  
E te enlambusa na miséria nacional!"**

E logo na parte seguinte eu caio no samba, cantando um coco inteiro, por sinal que tecnicamente exatíssimo embolada e refrão plagiando aliás um coco que eu colhi no Nordeste, "Meu baralho".

Bem, eu creio que mereço um esclarecimento. Se eu digo que tanto a motivação das duas revoluções, como a conclusão final socializante do poema, são mentiras, e mesmo que se reconheça que ambas são mentiras honestas, há que distinguir entre uma e outra. É que a conclusão não é apenas uma mentira "honestas" — até, psicologicamente, ela é muito menos honesta que a motivação falsa — mas é uma mentira-verdade. É uma antecipação apenas. Eu mentia enquanto garantido em mim de que aquilo era uma verdade futura, uma convicção a que fatalmente, tanto pela inteligência raciocinante como pelo senso moral, eu havia fatalmente de chegar. E de fato cheguei. A esta consciência muito "sentida", muito "vívda" de atualmente, de que não só um socialismo, meu Deus! comunístico tem de ser a mais próxima forma social do homem, mas que eu devo, modestamente devo, sem nenhuma vanglória e sem nenhuma "esperança" de beneficiamento pessoal, combater por. Mesmo errando, mesmo dando por paus e por pedras, mesmo... cinquentão e desajeitado, mesmo com as minhas paupérrimas possibilidades, combater por. Friamente e cá pra nós apenas. Sem esse ar de estar pleiteando posições futuras, que é o mais desgraçado ranço que se apegas a gente de meu jeito e idade, quando pega a "simpatizante". Eu sei que vocês não concordam porque eles enfim são úteis, mas sempre tive um horror físico aos simpatizantes. Acho que, no fundo, ser simpatizante, é um jeito mui sensato de se salvar no gostoso. Mas isso deve ser porque nunca fui sujeito de meias medidas.

Você não imagina, Carlos, como hoje eu entendo "O Carro da Miséria". Está claro que certas palavras, certos vocativos, por mais que eu me psicanalise, não consigo descobrir donde me vieram, "viúvas", "a mulher da Bolívia", por exemplo. Mas vibram como palavras, são expressões-palavras que me parecem sugestivas e por isso deixei elas assim mesmo. Só não deixei, só corrigi uma, porque sempre me aporrinhou, e acho sem interesse nem pros outros. Era o vocativo "meu grampo" que estava no 1º verso da parte X, que era assim:

*Pois então, meu grampo, há de reconhecer*

não pude me conformar com essa besteira, tanto mais que possivelmente é besteira só.

Me lembro muito bem que, na criação da 1ª versão, muita palavra besta, muito verso incompreensível, eu punha "de propósito", só de desespero, só pra ser besteira mesmo, só pra me maltratar e ao poema. Agora, no conserto de dezembro passado, mudei pra "Pois então, violão"... visivelmente nascido de "comigo não, violão". E é sempre a música, sempre a dança...

Só mais uma explicação. E um esclarecimento. Pra confirmar a fase sócio-estourante da minha vida, esse período 1929-1935, ainda tem a talvez mais trágica das arrebentações, o "Grã Cão do Outubro" que é de 1933, de quando me vieram as preocupações feias de ter feito quarenta anos. (Agora, nos 50, não tive preocupação nenhuma.) De maneira que as datas do desfazimento em mim dos prazeres e prerrogativas da minha classe são essas: 1930, "O Carro da Miséria"; 1932, 2ª versão e definitiva do mesmo; 1933, "Grão Cão do Outubro" e enfim, fins de 1934 o artigo me confessando "coram populo" comunista. Sem sê-lo e sem selo nenhum, hélas!

E depois. Depois dessa fase "purgatória", veio a fase reconstrutiva, principiada por aquela "Oração de Paraninfo", que você gosta. E eu gosto, apesar de o seu [sic] muito verbosa. E que foi a abertura dessa série de escritos "O Movimento Modernista", "Atualidade de Chopin", o prefácio ao livro do Otávio de Freitas Júnior. Agora repare: eu, por mim, não poderia nunca chegar à compreensão do "Carro da Miséria" se não fosse toda esta fase e esses escritos. Hoje, o "assunto" verdadeiro e profundo do poema me parece claríssimo, todo o poema por imagens e palavras diretas só diz isso que até me causa vergonha não ter percebido isso antes. Mas de fato eu não podia perceber. Antes eu não deixava que eu percebesse isso. E só agora eu posso realmente aquilatar que todo esse drama foi um sofrimento muito grande em mim. Depois disso, o sofrimento deixou de existir. Ou pelo menos, não se manifestou nem manifesta mais, o que é sempre uma prova de que, como sofrimento, deixou de existir. Evidentemente, como sensibilidade, eu não creio que eu possa, que ninguém possa superar a marca da sua classe e de toda a sua vida, a vida que o fez em menino e na mocidade. Isto é: superar, pode, porque a superação é sempre um valor nascido da consciência e realizado na vontade. Mas não pode mudar. A não ser que uma mudança externa drástica traga uma realidade ambiente outra, com a qual a sensibilidade acaba se acostumando. E essa mudança ainda não veio, e eu sou o que sempre fui. A superação foi de ordem consciente que sempre será a ordem pelo menos mais nobre e mais conclusiva do ser. E é nisto, agora, que o final do poema readquire todo o seu valor. Não acha mesmo?

Estou cansado. Com o abraço deste seu

Mário.